

A CULTURA E SUAS RAZÕES

Paulo Meneses
UNICAP

“A vida do espírito não é a vida que se atemoriza ante a morte e se conserva intacta da devastação, mas sim a vida que suporta a morte e nela se conserva. O espírito só alcança sua verdade na medida em que encontra a si mesmo no dilaceramento absoluto. Ele não é essa potência como o positivo que se afasta do negativo — ao contrário, só é essa potência enquanto encara diretamente o negativo e se demora junto dele. Esse demorar-se é o poder mágico que converte o negativo em ser” (Hegel, *Fenomenologia do Espírito*, § 32).

A questão da modernidade é posta em termos de razão, e a pós-modernidade costuma caracterizar-se pela rejeição da razão que define a modernidade. No entanto, confrontando com essa frase surpreendente de Hegel, parece que tanto as discussões que optam pela modernidade contra a pós-modernidade, ou vice-versa, como as que buscam conciliar as duas, não levam bastante em conta que há razão e razões. Que a razão é por sua essência crítica e autocrítica, e que é tanto mais razoável quanto mais radical é a negação que a defronta e põe em questão. Assim, não tem por que temer as críticas pós-modernas, mas tem prazer em acolhê-las como um desafio que lhe permite reformular-se e ser mais razão. Ao contrário, há certa ingenuidade em pensar que se está saindo da racionalidade quando se apontam desvios ou abusos da razão, ou se criticam algumas de suas formas concretas, ou se descobrem em seu exercício limitações insuspeitadas ou arrogâncias descabidas, pois se está cumprindo — com certo brilhantismo — uma tarefa de razão.

A definição clássica da modernidade é a de Kant: o homem chegou à maioridade, agora "ousa saber", liberta-se da tutela das tradições e dogmas, e assim, emancipado, é dono do seu destino e se guia só por sua razão. A *Aufklärung* é essa modernidade assumida, consciente de si e militante. Max Weber explicitou a definição de Kant, ao definir a modernidade como *Entzauberung*, o desencantamento do mundo que deixou de ser mágico, que se dessacralizou, tornando-se agora de todo permeável à razão humana e profana. O mundo moderno é assim, do ponto de vista cultural, formado de esferas axiológicas diferenciadas, regidas pela ação consciente conforme a um fim (ciência, arte, moral), e do ponto de vista social pela constituição da economia e do Estado modernos, cuja característica é a burocratização, ou seja, a racionalização dos processos administrativos e econômicos, de forma que produzam os efeitos para os quais se organizam.

Hegel acrescentou à definição da modernidade pela razão uma outra característica: o princípio da subjetividade. Desde Descartes, o sujeito tornou-se o horizonte a partir do qual tudo se pensa nos tempos modernos. Emergia a soberania do sujeito autônomo, que quer construir o mundo sobre sua liberdade efetiva. Assim, todas as dimensões da vida humana — religião, arte, moral, política, economia —, ao passarem pela mediação da subjetividade, foram profundamente transformadas. O princípio da subjetividade tornou-se o horizonte e o fundamento da cultura moderna. A Filosofia, que é autoconsciência do tempo, se erige em Descartes a partir da descoberta da subjetividade abstrata, e alcança sua explicitação em Kant e no idealismo alemão.

Henrique Vaz, ao tratar da modernidade, diz que Filosofia e modernidade, modernidade e historicidade são inseparáveis. Modernidade é uma certa maneira de pensar o tempo, de relacionar-se com o tempo, que foi inaugurado pela Filosofia, pela consciência histórica. O século de Péricles foi, neste sentido, a *Aufklärung* da Antiguidade. Ou pode dizer-se que modernidade significa uma visão diversa do tempo, que passa a ser visto como uma sucessão de modos ou de atualidades, constituindo segmentos privilegiados pela forma da razão que neles se exerce. O tempo é vivido como propriamente histórico, a consciência histórica e historiadora são tipicamente modernas.

A pós-modernidade se caracteriza por uma rejeição da modernidade em todas as características acima mencionadas. Aplica-se pois a uma tarefa de desconstrução, mas não tem a pretensão de instaurar outros sistemas em lugar dos que põe abaixo, pois é contra os sistemas. Nisso também se opõe à modernidade, que procedia a uma demolição dos valores da sociedade e da cultura tradicionais, mas para construir em seu lugar sistemas baseados na razão. Por isso o pós-modernismo tem sido denunciado como um niilismo, mais ou menos radical, na intenção. De fato, examinando mais de perto, vê-se que sempre põe algo em

lugar dos edifícios demolidos, certamente com estruturas menos visíveis ou menos grandiosas, mas com uma lógica interna estruturante. Diríamos que é guiado por um instinto de razão.

A razão é rejeitada na base de uma crítica da razão, seja da razão instrumental, na verdade instrumentalizada pelos poderes sociais, e que não está a serviço da emancipação, mas de formas mais ou menos sutis e não menos eficazes de opressão que a sociedade tradicional adotava; quer da razão demasiado presunçosa, que na sua hybris julga dar conta de coisas que estão fora do seu âmbito, e que condicionam seu exercício; sobre bases tão precárias se abalança a construir imensos sistemas, erige particularidades em universalidades arrogantes, paira em abstrações de generalidades ignorando a riqueza concreta do particular, etc. Mas a tendência pós-moderna lembra aquele dito alemão: "joga fora a criança junto com a água do banho", ao fazer profissão de anti-racionalismo, ao abjurar da razão e do sentido, em especial de qualquer tentativa de buscar o universal, a legitimação, o fundamento, o referente, qualquer coisa, enfim, que possa parecer exercício de racionalidade, tal como foi entendida desde quase três mil anos.

Aí também coincidem os pós-modernos, ou melhor, competem a ver quem dá golpes mais decisivos nessa miragem do sujeito, que desde o "Conhece-te a ti mesmo" de Sócrates, ao "Cogito ergo sum" de Descartes, ao sujeito transcendental de Kant, ao Eu de Fichte, ao espírito de Hegel, à profusão de ciências humanas, teve por efeito desorientar o pensamento ocidental. Trata-se agora de desconstruir e de eliminar do campo dos estudos sérios esse tal sujeito, e contentar-se com eventos, processos, estruturas em que dele se possa abstrair com um implacável rigor. Ainda mais esse sujeito tem para Foucault um absurdo em sua constituição, por ser ao mesmo tempo empírico e transcendental.

Vem de longe a crítica da filosofia, paradoxalmente feita por dois dos maiores filósofos do século XIX (Nietzsche) e do século XX (Heidegger). Desconstruindo a filosofia, estão também demolindo a historicidade; ainda mais que já aboliram o sujeito, e com ele a possibilidade de haver história propriamente dita. Esse filosofar para negar a filosofia lembra um piloto de Fórmula 1 que pilotasse seu carro para provar que corrida de carros não existe e passasse a corrida proclamando essa descoberta aos microfones. É sobretudo curiosa, por sua coincidência cronológica, essa negação do sujeito, quando a psicanálise encontrou uma técnica que parece científica para tratar dele, e quando tantos povos antes colonizados, e tantas minorias discriminadas querem tornar-se sujeitos e atores de sua história. É o momento em que esses intelectuais — todos do primeiro mundo ou seus fiéis discípulos — declaram que não há sujeito.

O problema não é que blocos ou potências oprimam nações inteiras, nem que haja dominação de classes ou discriminação de raças. Trata-se de analisar esse mau infinito de poderes conflitantes, que em escala microscópica pululam de todo lado e para toda direção; as grandes visões (nacionais, internacionais, etc) são ilusórias, pois não podem dar conta dessa infinita tessitura de micropoderes. Mesmo a crítica das ideologias é no fundo tão ilusória quanto as ideologias, por deslocar as questões para outro plano do que o real: move-se no mesmo campo ilusório em que vicejam as ideologias. Esses analistas devem achar um ridículo atroz que grupos e pessoas lutem para se tornar sujeito da história, justamente quando já se decretou a inexistência do sujeito e da história.

O que pensar desse conflito? Haverá lugar para a razão, hoje? Parece que sim. O contrário da razão é a insensatez e a violência, o absurdo e a loucura. É preciso encontrar um lugar para a razão. Mas a razão está onde sempre esteve: na crítica e na autocritica das razões: quanto mais radical a crítica, mais benéfica para a razão. Por isso começamos com aquela surpreendente frase de Hegel. Surpreendente porque de Hegel ficou uma imagem simplificada e distorcida. Muito antes de Nietzsche, Hegel cultuou Dionísio; diz no famoso Prefácio que antecede a *Fenomenologia* que "o conceito é um delírio báquico em que todos os membros são ébrios"; caracterizou a razão por essa necessidade de superar-se a si mesmo e de ir além de seus próprios limites numa contínua busca angustiada; e afirmou também que "o espírito é tanto mais espírito quanto maior é a contradição da qual retorna a si mesmo". Sem dúvida, Nietzsche, e os Mestres da suspeita — Freud e Marx, e mesmo Kierkegaard, que o abominava — seriam apreciados por Hegel como tremendos e magníficos desafios para que a razão se encontrasse para além de suas formulações imperfeitas: na certa muito mais importantes para a razão descobrir seus verdadeiros caminhos, do que toda a legião de seus apologetas e racionalistas profissionais. Hegel também na sua juventude não gostava da filosofia, que achava incapaz de captar a vida, como o faziam os êxtases amoroso, estético e místico. Depois é que se deu conta que era o entendimento kantiano essa potência que só dividia e catalogava diferenças; mas que, para além deste *Verstand*, havia a razão (*Vernunft*, capaz de ver a unidade na diferença e pela diferença; que em vez da identidade abstrata, abrangia a riqueza multiforme e contraditória do concreto. Uma razão que se tinha de buscar na experiência sensível, nas reais experiências humanas das diferentes épocas e regiões, em todas as dimensões da vida humana e social, pois só a totalidade de conteúdo seria capaz de dar a conhecer a riqueza de inteligibilidade imanente ao real: e não abstratos ideais, ou fórmulas feitas.

Há, pois lugar para a razão hoje, e há uma necessidade premente de filosofar. Se a filosofia é o conceituar de seu tempo, nosso tempo de

tantos desafios e de tantas perplexidades, de tantas pesquisas científicas que põem em xeque visões antigas do universo, da vida, são um convite urgente a filosofar. Filosofar é isto: indagar o porquê e o sentido das coisas. Filosofia é antes uma reflexão de segundo grau, feita sobre outros saberes: não só sobre conhecimentos científicos, mas também sobre experiência religiosa, artística, e mesmo sobre a sabedoria de uma rica existência humana ou de uma prática de atuação no social. Um filósofo de profissão pode contribuir ajudando a pensar, devido a seus conhecimentos das grandes filosofias do passado: mas se não tiver algum conhecimento fora da filosofia propriamente dita, tenderá fatalmente a alienar-se do real e a pairar na abstração. Em todo caso, ele não tem "reserva de mercado" do filosofar, para pensar seus próprios pensamentos e os dos outros, em lugar de apenas conservá-los e transmiti-los. Seria bom lembrar aos que detestam a razão e a filosofia que essa atitude facilmente pode ter uma tradução fascista, como a daquele general franquista que gritou numa sessão universitária em que Unamuno defendia a razão: "Viva la muerte!". Ou a resposta de Heidegger a Karl Jaspers, quando lhe perguntava como podia achar que um homem tão inculto quanto Hitler poderia governar a Alemanha: "A cultura não tem importância! Veja as suas maravilhosas mãos!" (Junho de 1933). Sabemos muito bem, hoje, o que essas maravilhosas mãos fizeram... A desconstrução de Derrida foi muito influenciada pelo pensamento de Heidegger, e Foucault viveu muito tempo na órbita do pensador germânico. Muitos pensam que as opções nazistas de Heidegger não são alheias ao que há de mais fundo no seu pensamento. Não queremos acusar os pós-modernos de fascismo ou de autoritarismo, mas lembrar que, como gostam de acusar a modernidade de cúmplice dos poderes opressores, com igual direito podiam denunciar em seus Mestres os inspiradores do fascismo.

Em vez de aplicar-se a desconstruir ou a demolir o sujeito, parece que é hora justamente de promovê-lo, de restaurá-lo. No plano político, no macro e no micro, é a hora de povos, até há pouco objeto, tomarem em mãos seu destino e serem agentes da história que se está gestando. A mulher luta para ser um sujeito de direitos e para assumir, igual com o homem, seu espaço na vida econômica, social e política; as minorias raciais e tantas outras fazem questão de tomar a palavra e de ter reconhecimento, de se afirmar como sujeito que sabe e que quer realizar seu projeto de existência humana e social. É a hora dos direitos humanos, agora ampliados, a partir dos direitos do século XVIII, primeiro ao campo dos direitos sociais, e hoje a direitos que vão desde a intimidade ao meio ambiente, passando pelo respeito às diferenças irredutíveis. Direitos humanos são uma maneira de abordar a ética, muito própria a nossos tempos, tempos muito propícios à retomada de uma ética, pois têm tanta necessidade dela. Já se sabe que sem a preo-

cupação ecológica, compromete-se o equilíbrio do meio ambiente, que é uma condição de possibilidade da vida humana; parece que cada vez se toma mais consciência de que, sem respeito aos valores éticos, torna-se impossível uma convivência social civilizada, a "qualidade de vida" das relações políticas e sociais. Mas como haver ética sem sujeito? e sem sentido? e sem uma certa "narrativa legitimadora" que articule o sentido das relações do homem como o homem e do homem com a natureza? Ao aproximar-se o novo milênio, parece que tudo levaria a fazer algo como um "plano de vôo" das sociedades humanas numa nova etapa, em que a liberdade fosse efetiva, as desigualdades monstruosas pelo menos se atenuassem, a violência das guerras fosse considerada como lembrança de uma pré-história bárbara, os homens colaborassem por cima de todas as fronteiras para eliminar endemias, defender o meio ambiente, aprender uma nova solidariedade, até mesmo por instinto de conservação, por necessidade da sobrevivência da nossa espécie e de seu planeta. Isso, por outras palavras, equivaleria à tomada de consciência, em nível planetário, de um projeto histórico, ou uma história construída conscientemente por um gênero humano que está em vias de tornar-se um sujeito coletivo. Então, o que está por vir depois do moderno e das suas estreitezas não é uma desconstrução nem uma abdicação do sujeito, do sentido. Enganam-se os pós-modernos ao tomar o crepúsculo do fim de século por um definitivo ocaso, quando de fato é a aurora inaugural de um novo milênio.

Era o supremo labéu que Foucault encontrava no sujeito da modernidade: ser ao mesmo tempo um sujeito empírico — objeto de conhecimento e de pesquisas empíricas — e um sujeito transcendental, condição de possibilidade do conhecimento de si mesmo e de tudo o mais. Só que o sujeito tem necessariamente de ser assim, pois é ele que conhece, e não conheceria se não tivesse, em si mesmo, condições para isso. Aliás, não pode conhecer senão construindo em si mesmo o que conhece; e também só pode construir por ser dotado de "régua e compasso" para tanto; como a abelha tem em si a fórmula dos ângulos dos favos que constrói. Essa dupla face do homem como sujeito era objeto de admiração por parte dos antigos, mas sem escândalo. Diziam: "O homem é um horizonte", essa linha que separa (e que une, pois linha não tem largura) as duas ordens, o céu e a terra, o empírico e o racional, o material e o espiritual. Justamente nesse dinamismo de sujeito transcendental radica o "mistério" humano; e não é por acaso que depois de se ter proclamado na modernidade que "Deus morreu", venham agora os pós-modernos passar atestado de óbito ao homem (e à filosofia e à sua história, e às ciências do homem, etc). É que a verdade mais profunda do homem é sua relatividade em relação a Deus, essa "intencionalidade" que define seu ser mais íntimo, sua razão de ser e seu destino. Assim foi feito, de modo que Deus pudesse

assumi-lo na unidade de uma só pessoa, como o fez no Cristo, e nele, com ele e por ele, recapitular toda a humanidade na glória de Deus, e todo o cosmos solidário na mesma plenitude e transfiguração. Mas aqui, a gente deixa de ser moderno, para ser eterno, como queria o poeta brasileiro. A razão transmigra para a mística, o homem para Deus, a história para a sua consumação que é a sua realização plena. Já não haverá mais crepúsculos nem auroras, mas a plenitude da luz que dura para sempre, e que é conhecimento e amor, liberdade pura e festa perene.

Endereço do autor:
Campus Avançado da UNICAP
Escola Apostólica
62760 — Baturité — CE